

TRANSFORMAÇÕES NA CADEIA DO LEITE

Sebastião Teixeira Gomes¹

No Brasil, nos últimos anos, toda a cadeia do leite tem passado por profundas transformações. Os principais determinantes dessas transformações são: a) Liberação do preço do leite, no final de 1991; b) Queda da inflação, a partir de julho de 94, com o plano real; e c) Maior abertura do comércio internacional, a partir do início dos anos 90, especialmente com a efetivação do Mercosul.

As transformações em curso afetam todos os elos da cadeia, do produtor ao consumidor. No segmento do consumidor, verifica-se aumento significativo de consumo de leite e derivados. Como exemplo, constata-se que, depois do frango, que no início foi considerado a estrela do plano real, agora é a vez do iogurte, em razão do enorme aumento de consumo. Com a oportunidade de consumir derivados lácteos importados, o consumidor brasileiro tornou-se mais exigente em qualidade e comodidade.

No segmento da indústria, quatro transformações destacam-se: 1) Aumento da concorrência tanto na captação de matéria-prima quanto na colocação de produtos; 2) Grande dinamismo na oferta de novos derivados, o que, com certeza, tem a ver com o aumento da concorrência; e 3) Mudança no critério de pagamento do leite ao produtor, considerando um preço-base, acrescido de bonificações pelo volume (critério de maior peso) e pela qualidade do leite. Em razão dessa mudança, dentro de uma mesma indústria, seja ela particular ou cooperativada, cada produtor recebe um preço, e a diferença entre o preço maior e o menor chega a 50%; 4) Aumento da concentração industrial.

No segmento da produção, podem-se identificar quatro transformações de grande impacto para toda a cadeia do leite: 1) Aumento significativo da produção de leite, que, em 1990, era de 14,5 bilhões de litros de leite; em 1996, 19 bilhões; e em 1997, estimam-se 20,4 bilhões, não existindo, em toda a agropecuária brasileira, um produto que tenha alcançado taxas de crescimento tão expressivas; 2) Aumento da polarização da produção, com muitos produzindo pouco e poucos produzindo muito. Estima-se que os produtores de até 50 litros/dia representam 50% do total de produtores e respondem por apenas 10% da produção; no outro extremo, os produtores de mais de 200 litros/dia representam apenas 10% do total de produtores, mas respondem por 50% da produção; 3) Aumento expressivo da produtividade do rebanho brasileiro, o qual é, freqüentemente, desconsiderado, em razão de se utilizar a

média para expressar a produtividade de uma população tão dispersa. Com certeza, no mínimo 50% dos produtores de leite estão totalmente estagnados, em termos de inovação tecnológica. Entretanto, pelo menos 60% da produção de leite do país é proveniente de um pequeno grupo de produtores, que tem evoluído muito nos últimos anos. Evidentemente que o atual estágio desse grupo ainda está muito distante do seu potencial máximo e do que já alcançaram alguns países, onde a pecuária de leite está mais evoluída. Entretanto, não se devem desconhecer seus inegáveis progressos, mesmo porque dificilmente o país alcançaria elevadas taxas de crescimento na produção de leite, sem elevar, significativamente, a produtividade. A argumentação apresentada anteriormente pode ser confirmada por meio do “Diagnóstico da Pecuária Leiteira do Estado de Minas Gerais”, elaborado, recentemente, pelo SEBRAE-MG e pela FAEMG. Enquanto a produção média do Estado é de 4,90 litros/dia, por vaca em lactação, a do grupo que produz mais de 250 litros por dia é de 8,67 litros. A produção média do Estado é de 3,05 litros/dia, por total de vacas, e a do grupo de mais de 250 litros por dia é de 6,18 litros. 4) Aumento da velocidade com que a produção de leite caminha para as regiões do cerrado. Em Minas Gerais, as principais regiões produtoras de leite são o Triângulo Mineiro e o Alto Paranaíba, deixando para trás regiões tradicionais como o Sul de Minas e a Zona da Mata. Outra região do cerrado, que também tem crescido muito a produção de leite, é a de Unai. Nesse contexto de cerrado, Goiás é a maior expressão. Num período de apenas cinco a seis anos, o Estado pulou da quinta colocação para o segundo lugar, na lista dos estados de maior produção de leite do Brasil. Nos últimos três anos, a produção de leite de Goiás, no período da seca, tem crescido a taxas superiores à do período das águas, o que demonstra que o aumento da produtividade é uma fonte muito importante para explicar a explosão de crescimento do leite goiano.

Diante de tantas transformações, uma pergunta recorrente é a seguinte: O que vai acontecer com o leite do Brasil, nos próximos anos? A resposta a esta pergunta é a ampliação das mudanças descritas anteriormente, em todos os elos da cadeia. Com certeza, as transformações estão longe de chegar ao fim, no contexto de uma economia globalizada.

Examinando um pouco mais o segmento da produção, as realidades do produtor e do mercado sinalizam a imperiosa mudança de conceito de tirador de leite para empresário do leite. O que complica esse ajustamento é que tal mudança tem de ocorrer a grande velocidade, sob pena de ser excluído da atividade. Aliás, a exclusão da grande maioria dos produtores de

¹ Professor Titular da Universidade Federal de Viçosa. Escrito em 13-04-97.

leite aconteceu em todos os países onde a pecuária leiteira já evoluiu. Por isso, é de se esperar que tal fenômeno também aconteça por aqui.

A análise histórica da produção de leite do Brasil mostra que, até então, não ocorreu redução do número de produtores, até mesmo de pequenos produtores. Entretanto, essa realidade está próxima a modificar, e a causa dessa modificação é a coleta de leite frio e a granel. As principais indústrias laticinistas, particulares e cooperativas, estão com programas agressivos de coleta de leite a granel, criando todas as facilidades para o produtor adquirir resfriadores de leite.

É fácil concluir que a colocação de resfriador na fazenda não se aplica a todos os produtores; mais ainda, o uso do resfriador traz, em sua esteira, a necessidade de melhorar muito a atual qualidade do leite. O frio, em si, não melhora a qualidade do leite, apenas evita que ela piore. Em resumo, os programas de coleta de leite a granel exigem volume de produção, para viabilizar o pagamento do resfriador, e qualidade do leite. Tais exigências estão perfeitamente de acordo com os atuais critérios de pagamento, e tudo indica que as exigências de volume e de qualidade são os principais argumentos de expulsão de muitos produtores do mercado. Mesmo que eles estejam dispostos a receber preços muito baixos, as indústrias não estarão dispostas a receber o leite.

Com certeza, as previsões anteriores têm profundas implicações sociais. Entretanto, virar as costas para elas não é uma atitude inteligente. Da mesma maneira que a indústria laticinista pode ser o veículo de expulsão, ela também pode ser o de salvação. Tudo é uma questão de mudanças de comportamento da indústria e do produtor, com o objetivo de vencer os graves desafios dos ajustamentos que virão.